



# O Fórum

JORNAL DAS ASSOCIAÇÕES SINDICAIS INDEPENDENTES

N.º 4 Junho 2011



## USI E A CRISE NO PAÍS

Documento aprovado na reunião do Conselho Coordenador, realizado em Lisboa, dia 20 de Abril de 2011

### SITUAÇÃO LABORAL NO PAÍS E NOS SECTORES

**N**a comemoração do 1º de Maio de 2008 (já lá vão 3 anos), em Lisboa, o Coordenador da USI, Dr. Afonso Diz fez uma intervenção, em nome dos Sindicatos Independentes Portugueses, sob o tema, “o Estado do País”, onde abordou a situação nos sectores da **Economia, da Administração Interna, da Educação, da Saúde e no Trabalho**, com uma análise rigorosa e atempada do que viria a acontecer infelizmente no país, devido à **incompetência** do poder político, em especial dos governantes que temos há seis anos.

A declaração do coordenador da USI finalizava com o lema: **“Portugal pode contar com os Sindicatos Independentes Portugueses”**.

Estamos em Abril de 2011 e a situação agravou-se ao ponto de Portugal ter de pedir ajuda externa, que vai ser paga com o sacrifício evidente dos portugueses que trabalharam a vida inteira e daqueles que ainda continuam a lutar diariamente pela sua sobrevivência, face a uma austeridade que além de injusta nas suas medidas, tem sido gerida por políticos incompetentes e que tratam dos assuntos de Estado, como este fosse uma “quinta” de sua propriedade.

Os portugueses que acorreram em massa para participar nos actos eleitorais conquistados no 25 de Abril de 1974, sobretudo no período de 1975 a 1991, deram a sua resposta no acto eleitoral de 05 de Junho 2011. Portugal poderá voltar a ser o país mais atrasado da Europa, passar a ser, também, uma nação com uma falsa democracia. Se os cidadãos se alhearem da vida política, o que de futuro não poderá acontecer.

#### MEDIDAS QUE A USI ENTENDE URGENTE ACONTECER NO PAÍS:

1. Democratizar o CES (Conselho Económico e Social), onde têm assento, nomeadamente a nível sindical, centrais sindicais caducas e ineficientes e autênticas correias de transmissão dos partidos políticos do sistema, como o PCP e o PS. Os Sindicatos Independentes (centenas), os trabalhadores despedidos e os não sindicalizados, que são milhões em Portugal, não

se sentem representados nem pela UGT nem CGTP, como ficou provado na última “greve geral” que foi um autêntico fiasco sindical.

2. Reduzir o número de deputados do Parlamento de 230 para 150, poupando assim anualmente milhares de euros no erário público.

3. Dos 230 deputados que estão no Parlamento, só as chefias parlamentares dos vários Partidos (uma trintena talvez) é que tem uma actividade que se veja, mas sempre obedecendo às ordens das chefias partidárias.

4. Com a redução do número de deputados, teóricamente diminuiria o clientelismo partidário e aumentaria a exigência e competência dos que são eleitos.

5. Apostar na Contratação Colectiva em todos os Sectores da economia portuguesa, como forma de dinamizar a evolução da economia e a salvaguarda dos legítimos interesses dos trabalhadores portugueses.

6. Ter como lema de actuação sindical geral os seguintes princípios, pela ordem:

a) Defender e apostar num Portugal forte e independente, como tem acontecido há quase 900 anos.

b) Defender a democracia participativa como regime necessário à liberdade e desenvolvimento do país.

c) Continuar a luta pelo Sindicalismo Autónomo e Independente.

**O Director de “O Fórum”  
Victor Martins (SICOMP)**

## índice

- Editorial
- Anúncios institucionais alusivos ao 1.º de Maio
- Intervenções Sindicais



**União dos Sindicatos Independentes**

**USI** Avenida Miguel Bombarda, 56 - 2.º Esq. | 1050-167 Lisboa | Telef.Fax 217 963 583

FICHA TÉCNICA

**Director** Eng.º Victor Martins | **Coordenador** Afonso Pires Diz | **Redactora principal** Benedita Oliveira

**Paginação e Maquetagem** Campeão das Províncias/Nuno Miguel Peres

**Impressão** FIG Coimbra | **Periodicidade** Semestral | **Tiragem** 25.000 exemplares





# A intervenção sindical do nosso Coordenador em Lisboa

**M**eus amigos!

Estamos aqui para celebrar a Festa do Trabalhador, o Dia 1º de Maio de 2011. Será que esta celebração faz sentido quando Portugal tem batido todos os recordes de desemprego? Como podemos celebrar a Festa do Trabalho quando paradoxalmente há tanta gente sem trabalho? Será que existe moralidade ou um mínimo ético, ou um resquício de solidariedade entre nós para com os nossos companheiros desempregados? Estamos persuadidos que sim! A crise veio mostrar as mentiras do Governo Socialista e do paranóico Vasco Sócrates Gonçalves.

Tal como tínhamos avisado nestes anos mais recentes, Portugal caminha para o abismo. Quem gasta mais do que ganha, ou do que produz, só tem três caminhos: ou rouba, ou se endivida, ou começa a pedir esmolas. Como é do conhecimento de todos, o nosso Governo tem feito tudo o que lhe é possível nas três vertentes:

Rouba-nos, escandalosamente, com impostos injustos e para além de qualquer razoabilidade;

Endivida-nos, irresponsavelmente, com emissões maciças de obrigações, títulos ou bilhetes do tesouro, pon-do em causa a nossa solvência ou independência enquanto país livre e soberano;

E mendiga, vergonhosamente, junto dos países BRIC e dos PALOP para que comprem a nossa dita dívida soberana!

Como correr com um Governo corrupto, que manipula a justiça e os órgãos de comunicação social? Só há uma solução democrática: votando massivamente no dia 5 de Junho na oposição responsável e realista que nos resta!

**H**oje comemora-se igualmente o Dia da Mãe. Coincidência de datas ou talvez não, a verdade absoluta é que todos temos uma Mãe e que Ela, viva ou não, nos marcou no seu ventre e fez de nós o que todos somos!

**A**todas essas mulheres heróicas que nos criaram só podemos tecer louvores! Vivam as Mães Portuguesas!

Ainda coincidência, ou talvez não, hoje em Roma foi beatificado João Paulo II, o Papa dos Operários, dos Mi-

neiros, dos Estudantes e dos Estaleiros Navais de Gdansk! Mas, sobretudo, o Papa que inspirou o Solidarinosc e o seu líder Lech Walesa!

Não foi por acaso que uma das suas primeiras Encíclicas foi dedicada aos que trabalham por conta de outrem. Recordam-se da “Laborem Exercens” e da sua não menos célebre citação “A empresa é uma comunidade de pessoas guiadas pelo bem comum”? Nela se volta a reafirmar um dos princípios da “Rerum Novarum” e de todas as encíclicas posteriores que plasmaram a Doutrina Social da Igreja: “é o princípio da prioridade do “trabalho” sobre o capital”. E, citamos, “este princípio diz respeito directamente ao próprio processo de produção, no qual o trabalhador é sempre causa eficiente primária, enquanto o “capital”, sendo o conjunto de meios de produção, permanece apenas instrumento, ou causa instrumental. Este princípio é uma verdade evidente, que ressalta de toda a experiência histórica da Humanidade”.

Desde o arado que lavra a terra ao mais complexo computador tudo foi concebido pelo trabalho, pelo génio ou experiência dos Homens. Pondo de



## O almoço da organização

lado a questão da propriedade desses meios, mas não a esquecendo, ressalta sempre clara a questão: com que moral alguns se apossam da riqueza de todos e que, por meios, quase sempre ilícitos, aparece essa riqueza como propriedade só de alguns?

É sempre reafirmado nessa encíclica “o primado da pessoa em relação às coisas”. “Tudo aquilo que está contido no conceito de “capital”, no sentido restrito do termo, é somente um conjunto de coisas. Ao passo que o ser humano, como sujeito do trabalho, independentemente do trabalho que realiza, e só ele, é uma pessoa”. É a visão humanista desta Encíclica e deste Papa é também a visão que todos os sindicalistas deviam defender. Por isso, tal como Karol Wojtyła nos opomos ao “economicismo que ocorre quando o trabalho humano é considerado exclusivamente segundo a sua finalidade económica” ou seja, “estamos perante um materialismo prático” “fundado na atracção imediata e preponderante daquilo que é material”.

E o conceito de materialismo prático é hoje um suporte fundamental às relações entre as nações e continentes. Isto é, o conceito perfilhado pela OMC, onde já não importam as condições de trabalho mas as quantidades de trabalho ou sejam as forças mais produtivas dos países BRIC,

mesmo que a produção, o trabalho seja efectuado em condições insalubres, inseguras e até criminosamente tóxicas. E pior, ainda, não importa que a relação entre o empregador e o trabalhador sejam uma relação entre o senhor e o escravo.

Mais, o Papa que hoje foi beatificado em Roma publicou em 1991 a Encíclica “Centesimus Annus”, isto é, celebrou os 100 anos da publicação da “Rerum Novarum” em 1891, promulgando assim, outra Encíclica dedicada ao trabalho (isto é 10 anos após a “Laborem Exercens”). Se na “Rerum Novarum”, Leão XIII, com diversos argumentos, insistia fortemente contra o socialismo do seu tempo e no carácter natural do direito à propriedade privada, na “Centesimus Annus”, João Paulo II, reafirma o que tão bem caracterizou na “Laborem Exercens”: o economicismo é uma insidiosa forma de materialismo e que o capitalismo é tão perigoso, ou até mais, do que o comunismo, porque se fundamenta no materialismo prático e na absoluta ausência de valores humanos.

E lembrando o 1º Livro da Bíblia: “Deus deu a Terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém. Está aqui a raiz do destino universal dos bens da Terra”.

Meus Amigos, perdoai-me esta longa incursão sobre a Doutrina Social da Igreja, porque não há outra mais verdadeira e universal, em manifesto contraponto, às ideologias, sempre parciais e necessariamente fora da realidade.

Hoje não só assistimos à falência das ideologias mas também, após a queda do Muro de Berlim, à falência de todos os materialismos, incluindo o economicismo.

A recente ou actual crise global que estamos a atravessar mostrou claramente que o economicismo e a ganância do Homens, são os únicos responsáveis pelo escandaloso desemprego e pela

## À guiza de abertura

A eminente sindicalista que é a Dr.<sup>a</sup> Fátima Ferreira, mais ilustre presidente da direcção da ASPL, proferiu umas breves palavras que entusiasmaram a numerosa assistência e abriu o apetite para a alocução de fundo no nosso Coordenador Geral, Dr.<sup>o</sup> Afonso Pires Diz







## e a confraternização final da organização

miserável legião dos excluídos, dos homens humilhados e ofendidos, como Dostoievski, o maior romancista de todos os tempos, lhes chamou.

Mas para além da denúncia do desemprego será que os sindicatos não têm mais nada a fazer? A resposta só pode ser uma: claro que sim! Cingindo-nos ao caso Português, (quando será que Sócrates, Teixeira dos Santos, Vieira da Silva e outros ministros vão para a prisão, como criminosos históricos, doidos varridos e absolutos incompetentes? Acaso não se apropriaram do que era nosso e nos continuaram a mentir, contando-nos diariamente histórias de fadas, falseando as estatísticas e as sondagens?) é óbvio que a história do sindicalismo português

está recheada de casos de que em situações de crise e penúria os sindicatos conseguiram dar a volta por cima.

A criação de escolas de instrução popular, que ainda hoje perduram, as caixas sindicais de previdência e abono de família, a criação de cooperativas e de associações de socorros mútuos, as conhecidas mútuas, são exemplos de que nos devemos orgulhar! Nos finais do século XIX e nos princípios do século XX, os sindicalistas ousaram sonhar, construir um mundo melhor e meteram mãos à obra! E fizeram coisas tão boas que o Estado Novo achou que podia integrá-las na Organização Corporativa, filosofia em que se fundamentava.

É em situações de penúria, de desemprego, de pobreza extrema que se pode mostrar o valor e a fibra dos Homens e dos sindicalistas em particular. E a Mútua que a USI, o SNQTB e outras entidades se propõem fazer, para melhorar as

pensões de reforma, os subsídios de doença, os subsídios de desemprego, os abonos de família, vai, sobretudo, criar postos de trabalho e gerar tranquilidade onde existe tanta angústia e incerteza! A sua criação e aprovação é um imperativo colectivo e um desígnio nacional! Vamos, por isso, dar as mãos, entreadjudando-nos, num sentimento de verdadeira solidariedade!

Não são esses os princípios e a finalidade da USI? Pois então, vamos em frente!

*Vivam os Sindicatos Independentes!  
Viva a Solidariedade!  
Vivam as Mutualidades!  
Viva a União dos Sindicatos Independentes!  
Viva o 1º de Maio!  
Viva Portugal!*

**O Coordenador  
Afonso Pires Diz (SNQTB)**



## O Militante Anónimo

Para nós é simplesmente o Fernando da ASPAS.

Chegou de manhã e apresentou-se “eu sou o Fernando da ASPAS”, simplesmente.

Durante um dia inteiro não parou um minuto. E foi objecto de interrogações. Quem será ou quem não será? Não sabemos.

E despediu-se tão discretamente como chegara, “É preciso mais alguma coisa? Vejam lá! Enquanto for preciso não me vou embora!”.

Caro Fernando (da ASPAS) tu, militante anónimo, foste o sindicalista mais independente de todos nós! Obrigado!

No terreno, debaixo de chuva, a Organização mostrou o seu estoicismo... e não debandou!



# As comemorações do

**C**aríssimos Trabalhadores, Caríssimos Sindicalistas, Portuenses ilustres, Senhoras e Senhores, Vivemos, hoje, na nossa condição honrosa de trabalhadores, em Portugal, como em todo o Mundo, o dia mais significativo do ano – O 1º de Maio, O Dia do trabalhador!

Viva o 1º de Maio! Viva o Dia do Trabalhador! Viva a nossa Festa Nacional e Mundial!

E, para nós, portuenses, tem sempre, este dia, um significado assinalável e ímpar: O Porto é, por direito, nunca o esqueçamos, entre todas as cidades portuguesas, a Cidade do Trabalho! A Real e Invicta cidade, a Capital do Norte!

Viva o Porto!

Integrando, como fundador e como dirigente, a Associação Sindical de Professores Licenciados (ASPL), sediada em Lisboa, na Avenida 5 de Outubro, cumpre-me representar, hoje e aqui, todos os nossos associados, a começar pela caríssima colega, nossa Presidente, e por sua incumbência, a Dra. Fátima Ferreira. Assim, se começo por saudar, com efusiva camaradagem, todos os trabalhadores e sindicalistas presentes, jovens e seniores, particularmente todos os desempregados e sem trabalho, impõe-se-me, coerentemente e por todas as razões, saudar,

de modo muito especial, a União dos Sindicatos Independentes (USI), a que a ASPL, estatutariamente, se orgulha de pertencer, sobrelevando, com justiça, o seu Ilustre Presidente, e nosso muito prezado Amigo, o Sr. Dr. Afonso Diz.

Senhoras e Senhores,

A USI, União de Sindicatos Independentes, orgulhando-se de ter vindo a integrar, crescentemente, na sua história de apenas 16 anos, sindicatos jovens, entusiastas e denodadamente autónomos, face ao partidarismo e à subserviência ideológico-política, constitui já, visivelmente, e sem qualquer dúvida, a par da CGTP e da UGT, a verdadeira Frente Sindical Nacional!

Caríssimos, viva a USI! Viva a grande e promissora União de Sindicatos Independentes!

De facto, e a todos os títulos, estamos a viver tempos bem inéditos, quanto ameaçadores, neste nosso Portugal de Abril! Mas, como sempre foi, e sempre há-de ser, é, em tempos destes, que aqueles que prezam, serem homens e mulheres responsáveis, têm de facto a grande oportunidade de mostrar o que realmente são e podem valer, em prol da sua Pátria e dos seus Concidadãos!

Minhas Amigas e meus Amigos, Caros Concidadãos, Prezando o trabalho, por mais árduo e por mais humilde, de preferência ao suposto emprego e aos periclitantes subsídios de miséria,

cultivando a franca e empenhada solidariedade entre todos, como verdadeiros concidadãos, direi mesmo, como uma autêntica Família Nacional, não tenhamos dúvidas da nossa capacidade de sobrevivência, perante a actual situação, para depressa voltarmos a viver como um país despretenso, mas autónomo, sóbrio mas independente, devotadamente trabalhador, quanto honesto, solidário, feliz e promissor como sempre! Não esqueçamos quem somos: a egrégia e sempre respeitada Nação da Europa e do Mundo! A Nação dos Lusíadas! A Pátria dos Descobrimientos!

Por isso, e como alguém já proclamou, em época idêntica à actual, impõe-se que sempre tenhamos bem presente: “Portugal não é um país pequeno... é grande a sua História, maior a sua Alma”!

Queridos Compatriotas, Ilustres Concidadãos, clamemos com entusiasmo: Viva Portugal!

Trabalhando, estudando, criando, produzindo, exportando, havemos de continuar a merecer como cidadãos e particularmente, como trabalhadores, o respeito, a amizade, a confiança de todos os povos do mundo. A começar, obviamente, pelas nações e povos amigos, a que nos ligam não só a língua, mas também a história e o destino comum... Pelo que, se, coerentemente, dizemos sim à Europa,





# 1.º de Maio no Porto

como poderemos dizer não ao Brasil, a Angola, a Moçambique, a Timor? Ao fim e ao cabo, a nações verdadeiramente jovens, promissoras, e, assim, verdadeiramente, votados ao Futuro?

E a nós sindicalistas e, sobretudo, dirigentes sindicais, pelo voto livre e pela confiança que em nós depõem os nossos companheiros de trabalho, seja na Escola, ou na Oficina, seja no Campo ou na Fábrica, impõe-se-nos, sem dúvida, apoiar, esclarecer e estimular, pela competência, pela solidariedade, pela dedicação, pelo carácter, pelo exemplo, todos os que nos envolvem no mundo do trabalho, como, a começar pelos mais jovens, na comunhão da Família e das Famílias, das Associações, da Sociedade em Geral.

Quanto ao Poder Governante, nós sabemos bem como é difícil acertar na escolha dos melhores, para, sem riscos, neles podermos delegar a nossa vontade! Mas que não se esqueçam os escolhidos que a soberania é do Povo, n' Ele reside, d' Ele parte e a Ele sempre tem de tornar!

Por isso, com a mesma alegria, com a mesma esperança, com a mesma determinação, com que celebramos o 25 de Abril, a festa da Liberdade, celebramos, como sempre havemos de celebrar, o 1º de Maio, a Festa do Trabalho e dos Trabalhadores! De contrário, porque não um novo 25 de Abril?

Caríssimos, sempre Livres, sempre

Unidos, proclamemos: Viva o 25 de Abril! Viva o 1º de Maio!

Em absoluto, bem sabemos, que sem Democracia, não poderemos esperar Liberdade! Mas bem sabemos, também, que, sempre, e em última análise, sem Pão e sem Trabalho, sem Dignidade e sem Honra, sem Educação e sem Carácter, sem Solidariedade e sem Justiça, sem Presente e sem Futuro, nem Democracia, nem Liberdade! E até a própria Soberania e Independência da Pátria ficam realmente em perigo!

Companheiras e Companheiros de Trabalho, Amigas e Amigos Sindicalistas, Caríssimas e Caríssimos Conciudadãos! Firmemente unidos, pelo compromisso dos nossos deveres e em prol dos nossos direitos, pensemos, hoje, muito particularmente, nos desempregados, nos jovens, nos jovens casais e nas nossas queridas crianças! Tenhamos presentes os que procuram trabalho e não o encontram! Não esqueçamos os nossos muito estimados seniores, com as suas reduzidas reformas, passando por tantas dificuldades e limitações, depois de terem trabalhado, arduamente, toda uma vida!

Sim, pelo Trabalho, pela Democracia, pela Independência, pela Liberdade, pelo nosso Presente, pelo nosso Futuro, Portugal acredita nos seus Trabalhadores e nos seus Sindicatos!

Por isso, neste Porto Histórico e na sua Velha Ribeira, aqui estamos mais uma vez, neste 1º de Maio de 2011, e aqui sempre havemos de voltar, com a mesma alegria, a mesma esperança, a mesma determinação!

*Viva a USI! Viva o Sindicalismo Livre! Viva o 1º de Maio! Viva Portugal! PORTO/ 1º DE MAIO DE 2011*

**O Presidente da Mesa da Assembleia Geral da ASPL**  
**Prof. Doutor**  
**Manuel Guedes de Miranda**



Ana Malhoa na sua actuação

Uma intervenção de improviso não se “mede” com outra escrita, mesmo que o tema da mensagem seja o mesmo.



## Porto

### A Intervenção Sindical

# O Caminho da Esperança

**C**aríssimos amigos!

Este 1.º de Maio celebra-se sob a bênção gratíssima da Beatificação do Papa João Paulo II, que tanta saudade deixou no coração dos portugueses, e no mundo. E é o Seu exemplo de Ser Humano que nos deve inspirar neste Dia do Trabalhador.

Karol Wojtyla, antigo operário e actor dramático, abre-nos hoje, como ontem, o caminho da esperança, num momento em que a crise económica e social abala fortemente os alicerces de Portugal, fazendo estremecer as nossas vidas, o bem estar dos nossos filhos e a coesão das nossas famílias.

Somos gente de Fé, independentemente dos credos de cada um, e o alicerce da nossa militância sindical está na crença das convicções, na independência em relação aos partidos políticos, na acção dos trabalhadores e na força do mundo do trabalho.

Por isso, mais uma vez estamos aqui, nesta praça da Ribeira da “mui Nobre, Leal e sempre Invicta cidade do Porto, homens, mulheres, operários, trabalhadores administrativos e quadros – para unidos fazer mostra

da força motivadora da USI – União de Sindicatos Independentes, uma confederação sindical que no dia-a-dia está atenta às injustiças, a abusos do patronato, ao desemprego e à precariedade social.

Neste preciso momento, na praça do Rossio – em Lisboa, milhares de pessoas escutam a mensagem da USI alusiva ao Dia do Trabalhador, pela voz do nosso Coordenador Geral, Dr. Afonso Pires Diz.

Fazendo eco das preocupações dos vários sindicatos que integram esta Confederação, Afonso Diz exige respeito pelos direitos de quem trabalha, remunerações justas, salários em dia...

Mas também reclama do Estado transparência na gestão dos fundos de pensões e da Segurança Social, assim como leis laborais que defendam quem produz mais valias e consequente riqueza, acesso aos cuidados de saúde, a reformas dignas e justas.

Meus caros amigos:

Como já disse, vivemos uma crise preocupante. Mas, pergunto: foi provocada pelos trabalhadores

Não, não e não!...

Aqueles que a provocaram - governantes, banqueiros, patrões e outros “galifões” – que assumam as

suas responsabilidades, que paguem os seus efeitos.

Quando um governo, qualquer governo, tapa os buracos com o suor dos trabalhadores, podemos clamar bem alto que “o rei vai nu...”

Que fizeram de mal os trabalhadores do BPN para serem penalizados com baixa de salários, precariedade laboral e o espectro de despedimento?

Foram eles que descapitalizaram o Banco, com operações fraudulentas de muitos milhões?

É contra tudo isto que a USI levanta a sua voz, com liberdade e independência em relação a todas as forças políticas e governamentais.

Tendo por horizonte o caminho da esperança que Karol Wojtyla nos legou ontem em Fátima, hoje em Roma, que deixamos aqui um abraço solidário e fraterno aos trabalhadores em geral, e aos nossos sindicalizados em particular.

*Viva o 1.º de Maio*

*Viva a USI – União dos Sindicatos Independentes.*

*Viva Portugal*

**O Vice Presidente do SNQTB**  
**João Lourival**